

MEMÓRIA ASSUNTA AO CÉU: MEDITAÇÕES SOBRE GESTÃO SOCIAL NA CONTEMPLAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO EDIFICADO DE ICÓ, CEARÁ

MEMORY THROUGH THE SKY: MEDITATIONS ON SOCIAL MANAGEMENT IN CONTEMPLATION OF THE BUILDING HISTORICAL HERITAGE OF ICÓ, CEARÁ

DOI: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v11.e1.a2023.pp1650-1661> Recebido em: 02.01.2023 | Aceito em: 21.03.2023

Ives Romero Tavares do Nascimento

*Universidade Federal do Cariri
E-mail: ives.tavares@ufca.edu.br*

RESUMO

Esta contribuição fotográfica tem como propósito instigar a meditação sobre gestão social a partir da contemplação de imagens do patrimônio histórico da cidade de Icó, no Ceará. Seleccionadas para compor um mini acervo que contrasta coloridas edificações com o enevoado e atípico céu cearense, as fotografias reluzem um passado áureo da história do interior do Brasil, ao tempo em que oportunizam a (re)construção coletiva de uma identidade regional ou, talvez, nacional. Amparada por essa perspectiva não-convencional, espera-se que seja possível ilustrar reflexões sobre a gestão social a partir da contemplação de um passado edificado. As imagens foram capturadas em novembro de 2018 por uma Canon PowerShot SX400 IS, lentes 3.8-247.0mm.

Palavras-chave: memória social; patrimônio; fotografia.

ABSTRACT

This photographic contribution aims to instigate meditation on social management based on the contemplation of images of the historical heritage of the city of Icó, in Ceará. Selected to compose a mini collection that contrasts colorful buildings and a cloudy and unusual sky of Ceará, the photographs reflect a golden past of the history of the interior of Brazil, at the same time that they allow the collective (re)construction of a regional or, perhaps, national identity. Supported by this unconventional perspective, it is hoped that it will be possible to illustrate reflections on social management from the contemplation of an edified past. The images were captured in November 2018 by a Canon PowerShot SX400 IS, 3.8-247.0mm lens.

Keywords: social memory; heritage; photography.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Esta Contribuição Fotográfica trata das possibilidades de se pensar com/sobre gestão social a partir da contemplação do patrimônio histórico edificado, tendo como exemplo a cidade de Icó, no Ceará. Assumindo que esta pode ser uma nova forma de se contribuir com o conhecimento acerca dos instrumentos – dada a possibilidade de se ilustrar um outro percurso metodológico – e dos resultados – diante de uma nova forma de se perceber e interpretar a sociedade –, a gestão social encontra lugar na manifestação da herança material icoense e nas relações percebidas desta com as pessoas daquele lugar. A pretensão, portanto, é fazer repousar na contemplação do patrimônio histórico edificado a visualização de princípios da gestão social – como afetividade e pertencimento, por exemplo – e vice-versa, sem apresentar uma metodologia intransigente, mas, sim, possibilitante.

Na obra seminal de Genauto França Filho publicada em 2008 – *Definindo Gestão Social* – e transliterada de sua fala numas das conferências centrais do I Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social (Enapegs 2007), o autor dedicou-se a conceituar gestão social basicamente a partir de duas vertentes: finalidade e meio. Enquanto finalidade, seria próprio à gestão social representar um modelo de gerir organizações compostas por pessoas. Tendo em vista que toda e qualquer organização necessariamente possui indivíduos em sua estrutura, segundo França Filho (2008, p. 28), pode-se indagar: “qual gestão não é social?”. Portanto, o caminho lógico de qualquer estudioso o levaria a crer que tratar-se-ia de um modelo específico de se fazer a gestão, assumindo um caráter de meio.

Nessa visão, uma possível definição seria advinda da desconstrução do próprio conceito, no momento da identificação de gestão social como uma metodologia gerencial que transita ora no campo do nível societário ora do nível organizacional. Neste, em específico, caberia ressaltar a proeminência dos diferentes setores que compõe uma sociedade: o privado, o estatal e o social propriamente dito (em alusão à sociedade civil organizada). Seria possível, por conseguinte, relacionar respectivamente a gestão estratégica, a gestão pública e a gestão social a cada um desses setores.

Sem necessariamente aludir a um conceito terminal de gestão social, França Filho (2008) propõe uma série de questionamentos que se relacionariam ora aos desafios ora à inovação sobre o que trataria, fundamentalmente, a sua definição. Sobre o primeiro pendor, residiriam o desafio de se construir referências

teórico-metodológicas e a superação de uma cultura política personalista e clientelista. Acerca do segundo, ocorreriam processos inovativos dada a irredutibilidade do político ao governamental e, concomitantemente, do econômico ao mercantil.

Para além de qualquer tentativa de definição final de gestão social, a magnificência dessa obra é a constatação de que gestão social é um termo fundamentalmente polissêmico. Isso habilita a existência de construtos teórico-metodológicos não excludentes, ou seja, que não se anulam quando põem em foco o que seria gestão social. Mas é preciso informar que o lado desvantajoso de tal característica a insere num ambiente permeado pela instabilidade do que de fato trataria, como também daquilo que não seria. E essa tarefa tem sido conduzida por práticos e teóricos ao longo dos últimos anos.

Exemplo disso são as contribuições de Airton Cançado (2014) e Edgilson Tavares (2014), que articularam a ideia de gestão social a um construto intimamente ligado a uma necessária redefinição do que seria e do que pertenceria à chamada esfera pública. Nesta, compreende-se o espaço onde atores privados se encontram para tratar e construir o que é socialmente relevante (CANÇADO, 2014), cabendo à gestão social a interlocução “de saberes e práticas referentes aos modos de gerir interorganizações, territórios e relações sociais, sendo orientado por uma ideologia social e do interesse público” (ARAÚJO, 2014, p. 88). Ou seja, gestão social torna-se um intermédio para a articulação de conhecimentos e práticas para a construção de uma esfera pública condizente com as necessidades e relevância daquilo que precisa ser construído para o bem de todos.

Nesse bojo, remete-se ao trabalho de Boullosa e Schommer (2010) as reflexões estabelecidas sobre as possíveis vertentes de inovação da gestão social no momento que, precocemente institucionalizada, colabora com múltiplas possibilidades de se encará-la: enquanto processo ou produto, novo mercado e alternativa de governança, e inovação e aprendizagem (BOULLOSA; SCHOMMER, 2010). Esta última parece ser uma oportunidade de se perceber um frutífero caminho conceitual. Ao conduzir-se rumo ao patamar sociocêntrico da atuação de múltiplos e diversos atores na construção de uma esfera pública (BOULLOSA, 2013; ARAÚJO, 2014; CANÇADO, 2014), a gestão social poderia ser o receptáculo de práticas e saberes e constroem, sobre si mesmos, novos conceitos e novas bricolagens (BOULLOSA; SCHOMMER, 2010) sobre o que pertence – de fato – a uma nova forma de se entender uma gestão que interpreta o social como uma “conexão cooperada,

solidária ou negociada entre os envolvidos na ação” (TENÓRIO, 2012, p. 29).

Mais recentemente, Tenório e Araújo (2020) rediscutem o conceito de gestão social à luz da comparação daquela com a ideia de gestão estratégica num mundo moderno, pandêmico e no seio da emergência sanitária de Covid-19, em que à tona foram trazidos os debates acerca dos limites do que se compreende como particular e como público. Os dois autores, a partir de uma redefinição do que competiria à gestão (mesmo com forte influência de características da iniciativa privada) adjetivada como “social”: o que pretendemos é um conceito de gestão cujos resultados e práticas tenham significado às demandas da sociedade, do bem comum, por meio de arranjos coletivos internos às organizações, assim como destas com a sociedade” (TENÓRIO; ARAÚJO, 2020, p. 903). Isso significa que gestão social passa a conter um corpo que extrapola, ainda segundo esses autores, a mera necessidade de se dispor pessoas e recursos para uma devida finalidade (muito comum à gestão estratégica) e abrange a persecução de objetivos que efetivamente se atrelem às demandas sociais por melhoria de vida.

Dessa maneira, muitas são as chances de se suscitar interpretações acerca do que seria gestão social, tal como prenunciado por França Filho (2008). Se é possível identificar uma gestão em que há uma repactuação entre as pessoas de modo dialógico e inclusivo, isso induz aceitar que de igual maneira são admitidas novas formas de se utilizar paradigmas, métodos e ferramentas nessa nova “roupagem” para a gestão do que é público e de social relevância. Portanto, ricas podem ser as formas de se aprimorar as relações que as pessoas estabelecem entre si naquilo que extrapola a esfera privada e reverbera na pública, de tal modo que a gestão social conteria uma carga valorativa e interpretativa de tudo aquilo socialmente aceito como pertencente ao bem público, por exemplo. Recai-se, dessa forma, na possibilidade de avanço cognitivo que Boullosa e Schommer (2010) propuseram.

Do ponto de vista teórico, parece uma tarefa fácil assentir que a gestão social pode ser um mecanismo de aprendizagem e inovação à rediscussão de tudo aquilo que possa ser chamado de público: bens, lugares e ações. Mas diante de uma necessidade concreta e prática, tal concepção de gestão social, aproveitando seu caráter polissêmico, inovador e *avant-garde*, pode representar-se como um fator limitador.

Mas esta não é uma tarefa fácil. Compreender a moldagem de como se estabelecem as relações pessoais e coletivas numa esfera pública demanda um monumental

esforço de análise psicológica, histórica, econômica, antropológica e sociológica, dentre outras. Por outro lado, a gestão social, plural e polissêmica como nenhuma outra área, como dito, abriga a existência de diferentes lentes analíticas, e tal como fez Gareth Morgan em sua obra (re)publicada em 2005, autoriza e estimula o uso de diferentes metáforas e outros recursos visuais na resolução de quebra-cabeças científicos.

Provavelmente a grande iniciativa que o pesquisador em gestão social deve aceitar é encontrar qual peça desse quebra-cabeça vai utilizar na revelação de toda a imagem. Assume-se ser uma tarefa hercúlea tentar visualizar o objeto de sua pesquisa com o uso de todas as perspectivas possíveis, e por isso recomenda-se o ajuste a uma só lente. No caso em tela, intentar compreender relações sociais e identidade pública pode ser um caminho auxiliado pela gestão social, uma vez que importam os processos endógenos e exógenos de desenvolvimento territorial (ARAÚJO, 2014), onde prepondera a atuação de diferentes grupos sociais (FISCHER; MELO, 2004).

Encarando tal problema, outras experiências são úteis para se ter um ponto de partida, como o trabalho de Peres (2020), que discutiu política pública e sua condição teórico-analítica sociocêntrica a partir de grupos de Hip-Hop em Ceilândia, Distrito Federal. Para a estudiosa, foi possível identificar as oportunidades de construção da sociedade a partir de si mesma, tendo-a como o cerne da política pública. O que restou, dentre as contribuições do estudo, é a chance de se identificar e analisar gestão social a partir de práticas do cotidiano brasileiro. E vai além: instiga a *práxis* de uma reflexão que ressuscita a condição humana da investigação despreziosa e a curiosidade (muitas vezes pueril) sobre todo o espaço que nos rodeia também como possibilidades de aprendizado, que não necessariamente seguem o tradicional rito da construção do conhecimento formal.

Em adição, uma outra forma de se encarar a gestão social como caminho cognitivo é indicado por Teles (2014), que afirma ser o patrimônio histórico-cultural um elo em processos locais de ligação social, estima e pertencimento. “Portadoras de mensagem tangível do passado, as obras produzidas por cada povo ou sociedade, monumentais ou não, vêm a referenciá-los no espaço e no tempo, transcendendo, por isso, à dimensão apenas do constructo edificado” (TELES, 2014, p. 265). E foi essa aceitação que oportunizou este trabalho.

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta contribuição fotográfica tem como pedra angular a execução de um projeto universitário de cultura¹

conduzido no ano de 2018 na cidade de Icó, região Centro-Sul do Ceará (Figura 01). Icó foi a terceira vila colonial instituída pelos conquistadores portugueses. Teve centralidade na história política e social cearense, e por isso foi contemplada com a construção de um significativo acervo edificado em casarões, sobrados e solares, que pouco são vistos na arquitetura urbana de hoje. Tal como Silva (2018) lançou seus olhares ao chão do sertão por meio das lentes fotográficas, este trabalho olha para cima e, diante da contemplação do patrimônio histórico edificado em Icó/CE, medita sobre história, memória e gestão social.

As fotografias que ilustram esta Contribuição fazem parte de um conjunto de 32 imagens capturadas pelo uso de uma máquina fotográfica Canon PowerShot® SX400 IS, lentes 3.8-247.0mm numa manhã de terça-feira, 27 de novembro de 2018. A decisão do ângulo de cada edifício/monumento/marco fotografado foi guiada pela sensação provocada pela instigação a uma reflexão.

Ao fim, foram selecionadas 06 imagens que, unidas pelo mesmo céu enevoado, ajudam a compreender como a gestão social pode ser sentida e vivida a partir da contemplação do patrimônio e da história local.

Figura 01. Localização do município de Icó no território cearense.



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu, 2006.

LUGARES DE MEMÓRIA, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO EM ICÓ/CE

Na busca por respostas às inquietações lançadas por Tenório e Araújo (2020) sobre os necessários contornos que a gestão social deve ter nestes tempos em que é preciso reconfigurar a noção de cidadania rumo à participação e à inclusão das pessoas, Teles (2014) delineia uma possibilidade: observar o entorno, a cidade, suas construções e, em especial, o patrimônio histórico edificado. Em cidades como Icó, no Ceará, a presença de um conjunto arquitetônico que remete o observador a um passado pode contribuir para o envolvimento ao ponto de fazê-lo envolver-se com a história e com a memória

daquele lugar (TELES, 2014), de maneira que sejam possíveis reflexões acerca das relações sociais ali estabelecidas.

Movido por tal proposta, este texto apresenta-se como uma oportunidade à concretização de tal possibilidade. Assim, neste item são apresentadas seis fotografias, onde os edifícios históricos parecem querer assuntar-se aos céus. Cumpre dizer que não excessiva preocupação com o alinhamento e enquadramento dos edifícios fotografados, pois a visão de cada indivíduo nunca é retilínea e geométrica. É torta e enviesada, posto que cada ser humano possui uma constelação de valores e canais interpretativos próprios sobre o mundo e a forma como o vê. Assim, tal como feito, convida-se o leitor a

imersão na contemplação e adentrar nessa nebulosa abóbada celeste, de tal modo que se compreenda a gestão social por um novo patamar.

Seguindo a proposta de Boullosa (2013), os passos de Peres (2020) e a forte inspiração de Teles (2014), a primeira fotografia foi feita capturando-se a

fachada do Teatro da Ribeira dos Icós. Esta edificação ocupa lugar central na cidade, e é nela posta a condição de referência para localização a muitos habitantes locais. Portanto, tratando-se de um ícone, o Teatro assumiu a posição de ponto de partida para as fotografias e para as reflexões feitas.

Figura 01. Frisos do Teatro da Ribeira dos Icós, Icó/CE.



Fonte: acervo do autor. Data: 27/11/2018.

A imagem que inaugura este trabalho apresenta os frisos do Teatro da Ribeira dos Icós, na Figura 01, construído no séc. XVIII. Diferentemente do modo como as fotografias mais tradicionais fazem, a captura da imagem com angulação pouco usual foi proposital para destacar a altivez da construção, como se quisesse conduzir quem a contempla rumo ao céu.

Erguido sob a égide de um tempo há muito passado no interior do Ceará, o Teatro ainda hoje viabiliza a realização de espetáculos e mais recentemente permite a entrada de diferentes públicos, de outros setores da sociedade outrora impedidos de tal acesso. As nuvens, acima, transmitem um presságio de chuva, algo desejado pelo homem e pela mulher sertanejos, pouco importando sua classe social. Isso inspira bons auspícios e tal

sentimento é comungado por todos os habitantes, de modo que o céu é o lugar onde metaforicamente todos os indivíduos estão em iguais condições. Afinal, água é fonte de vida, tal como a cultura e o patrimônio que pertencem a todos.

É com essa afirmação – de pertencimento – que se encara a primeira possibilidade de se vislumbrar gestão social: partindo do pressuposto de que toda gestão seria eminentemente social (FRANÇA FILHO 2008), e que o termo social se remete ao comprometimento com a

sociedade (TENÓRIO, 2012) e com processos de desenvolvimento (ARAÚJO, 2014) a partir da atuação de múltiplos atores sociais (FISCHER; MELO, 2004), compreendeu-se que a relação que um espectador pode estruturar entre si e a representação do Teatro da Ribeira dos Icó é que há neste uma possibilidade de promover ações em que toda a população seja beneficiada, como as artes e a cultura locais.

Portanto, a palavra-conceito desta imagem é a inclusão.

Figura 02. Águas-furtadas de um solar em destaque, Icó/CE.



Fonte: Ives R. T. Nascimento e Maria Bonfim de Almeida. Data: 27/11/2018.

A fotografia da Figura 02 traz em destaque as águas-furtadas de um solar do centro da cidade. Em meio à expansão urbana do último século, Icó perdeu aproximadamente 60% de todo o seu patrimônio histórico

edificado. Às novas gerações icoenses coube apenas traços de um passado que já não mais é possível de ser visto, à exceção daqueles traços de resistência em meio à noção

equivocada de que o “novo sempre vem”, e não há espaço para o que um dia imperou no solo do Ceará.

Tais afirmações estão basiladas pelas palavras de Tenório (2012), que estabelecia a necessidade de se repensar um novo conceito para o adjetivo “social” do substantivo “gestão”, atribuindo-lhe o comprometimento com as necessidades sociais reafirmadas por si posteriormente (na obra de Tenório e Araújo [2020]).

Na Figura 02, também chama a atenção o fato de que todo o entorno do sobrado ao centro é branco, tanto no céu quanto “na terra”. As ausências de outras cores ajudam

a pensar como facilmente esvazia-se a memória local ao tempo em que pouco se preserva a edificação herdada dos grupos sociais antepassados. Portanto, refletir como como as águas-furtadas de um casarão histórico podem figurar a expressão da persistência do que faz parte do patrimônio e da tradição (no sentido de entrega às gerações seguintes) pode ser um caminho para se entender a necessidade de se preservar a memória e a identidade de um determinado lugar.

Nessa perspectiva, a palavra que melhor descreve o sentimento é resistência.

Figura 3. Detalhe da fachada da Casa de Câmara e Cadeia, Icó/CE.



Fonte: Ives R. T. Nascimento e Maria Bonfim de Almeida. Data: 27/11/2018.

A Casa de Câmara e Cadeia, em perspectiva na Figura 03, já representou o exercício do poder legislativo e judiciário de Icó. Hoje é a sede da Secretaria de Cultura, ligada ao poder executivo municipal. Mesmo não tendo retirado seu caráter de prédio público, a cultura pulsa de modo pujante. Mas, ainda assim, há quem afirme que as antigas celas, onde os condenados jaziam presos à grossas correntes de ferro e hoje feitas salas de exibição, preservam o tom lúgubre das paredes e o ar denso da

tristeza que um dia se instaurou. Tal conexão entre passado e presente alimenta o teor cultural que edificações públicas devem transmitir às sociedades de um mesmo agrupamento humano.

Ao recuperar-se a contribuição de Teles (2014), verifica-se ser viável o estabelecimento de novas conexões entre o patrimônio e sua utilidade. Se outrora a Casa de Câmara e Cadeia foi um espaço reservado à punição, hoje é lugar do regozijo. O que transmite, ao olhar

tangencialmente para a fachada do prédio, é que as significações propostas por Teles (2014) são possíveis e fazem sentido quando são postas em prática as possibilidades de redefinição de tudo aquilo que é de

interesse comum e de social relevância (CANÇADO, 2014; ARAÚJO, 2014).

Figura 4. Cruzeiro da entrada da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação, Icó/CE.



Fonte: Ives R. T. Nascimento e Maria Bonfim de Almeida. Data: 27/11/2018.

Repousa solenemente no centro do Largo do Théberge, principal praça da cidade, um cruzeiro que marca a entrada da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação, padroeira de Icó (Figura 04). À sua volta, todas as expectativas circundam: displicentes transeuntes, engajados líderes comunitários, despreziosos habitantes locais, esperançosos religiosos. Toda a sorte de indivíduos cobertos por um mesmo céu nublado que parece querer se precipitar a qualquer momento. Ao aparente “escurecimento do tempo” guardam a vida das pessoas que por ali passam quatro lampiões, verdadeiros faróis da fé, para uns; simples decorações para outros.

Boullosa (2013) circunda a necessidade de se considerar a ação sociocêntrica para a análise acurada de uma política pública, destacando as vantagens de se

considerar a atuação de atores sociais diversos. Isso dota a *práxis* analítica de uma variedade axiológica muito importante para processos de desenvolvimento, haja vista o potencial de se considerar aspectos muitas vezes negligenciados por uma mirada monocromática sobre o mundo e a sociedade.

Dessa forma, pensar em congregação pode parecer um exercício contemplativo e reflexivo capaz inserir as práticas sociocêntricas – tanto pelo lado de quem as faz quanto pelo lado de quem as analisa – como um dos elementos de processos de desenvolvimento (ARAÚJO, 2014; FISCHER; MELO, 2004). Isso levaria a gestão social novamente à condição de veículo para a materialização da (re)pactuação democrática aludida por Tenório e Araújo (2020).

Figura 5. A Coluna da Hora, Icó/CE.



Fonte: Ives R. T. Nascimento e Maria Bonfim de Almeida. Data: 27/11/2018.

Que diriam de um relógio que não mais aponta as horas? Inútil, talvez. Mas em Icó, há uma Coluna da Hora (Figura 05) onde ponteiros de minutos e segundos, e tampouco números, não se fazem presentes. Problema? Sim, para aqueles embebidos pela pressa e por necessidades puramente individuais. A Coluna da Hora, que já não apresenta hora alguma, serve de lembrete de que a vida pode ser mais tranquila e desacelerada.

O trabalho de Peres (2020) dá muitas sugestões de continuidade rumo às novas formas de se perceber a gestão social em lugares onde a ciência tradicional poderia não o fazer. Afinal, foge do escopo estadocêntrico (aquele em que a compreensão repousa apenas na ação estatal)

pensar em outros grupos sociais criando e praticando política pública e sociedade, num ambiente eminentemente plural e diverso. Dessa maneira, se o “ser social” da gestão, por si só também plural e diverso, deve abrigar uma gestão democrática e inclusiva (TENÓRIO; ARAÚJO, 2020), por que não incorporar a prática reflexiva a partir de outros pontos de mirada?

Assim, a Figura 05 faz um convite a parar, olhar o entorno e exercitar a reflexão sobre uma questão basilar: há sentimento de pertencimento neste lugar, dadas as ausências alegoricamente exemplificadas pela Coluna da Hora?

Figura 6. Torre da Capela do Colégio Nosso Senhor do Bonfim, Icó/CE.



Fonte: Ives R. T. Nascimento e Maria Bonfim de Almeida. Data: 27/11/2018.

O céu ensaia clarear na Figura 06. As nuvens, cada vez mais libertas da umidade, mantêm-se altivas na abóbada celeste. Aos que passam em frente à Torre da Capela do Colégio Nosso Senhor do Bonfim, o branco contrasta com as cores mórbidas da fachada do edifício, e põem as pessoas a pensar: quais histórias poderiam ser (re)contadas se se tivesse a chance de se conhecer cada aluno e aluna por aquele colégio alfabetizados? Quantos repiques, tristes ou alegres, aquele sino soou?

Nesta última imagem, retorna-se ao trabalho de Teles (2014) acerca das possibilidades de se inserir o patrimônio histórico edificado como verdadeiros

receptáculos de significação, memória e conexão intergeracional. As emoções e sensações provavelmente não serão exatamente compartilhadas entre as pessoas, mas podem ser o ponto de partida para o engajamento social rumo a processos cognitivos muito próprios da gestão social (BOULLOSA; SCHOMMER, 2010), que privilegiam o surgimento de uma sociedade mais justa, igualitária e corresponsável pelos seus atos (BOULLOSA, 2013; ARAÚJO, 2014; CANÇADO, 2014).

Essas questões inspiram a criatividade e podem estimular a atenção àquelas pessoas que se rodeiam. Como são tratadas? Age-se com a civilidade esperada por

Tenório (2012) e Tenório e Araújo (2020)? A palavra-chave aqui é humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressão da gestão social pode ser sentida de diferentes maneiras, como também pelo uso da fotografia. Tal como inspiram os trabalhos de Silva (2018), Kustner (2018) e Almeida & Oliveira (2019), este trabalho teve como norte a utilização de recursos fotográficos para viabilizar a contemplação do patrimônio histórico edificado de Icó, no Ceará, na tentativa de estabelecer conexões sensoriais rumo à meditação, num primeiro plano, e ao reconhecimento da identidade social, num segundo.

Nesse bojo, a gestão social aparece como útil ferramenta metodológica e analítica para se recuperar a prática reflexiva, que por muitas vezes é marginalizada num mundo cada vez menos justo e inclusivo. O conjunto arquitetônico histórico edificado, por exemplo, deixa de ser patrimônio e muitas vezes é relacionado ao atraso e a um passado que se quer esquecer. A gestão social, fortemente defendida por França Filho (2008), Cançado (2014), Araújo (2014), Tenório (2012), Tenório e Araújo (2020) e Peres (2020) assume uma posição de centralidade nessa redefinição do que pertence àquela gestão do comum, que intenta rediscutir o papel da ação guiada à melhoria de vida das pessoas, baseada na aceitação da pluralidade e no respeito às diferenças.

A expressão da gestão social, que extrapola as fotografias nesta Contribuição apresentadas e faz pensar

sobre cada ponto discutido ao longo do texto, a coloca como instrumento de aprendizagem (BOULLOSA; SCHOMMER, 2010), de modo que sua utilidade seja ilustrada por outros métodos de captura e entendimento do que é a própria sociedade. Nesse bojo, é possível identificar múltiplos e polissêmicos pontos de partida para a definição de que seria, por fim, gestão social. O que esta Contribuição propõe é que pode ser interpretada como um canal onde seja possível estabelecer conexões intergeracionais com fortes valores de humanidade, pertencimento, cultura, congregação, resistência e inclusão que cada fotografia incita e inspira. É essa, portanto, a conexão das sociedades com seus ícones patrimoniais que Teles (2014) apresenta.

Além disso, situa a gestão social para longe dos campos mais tradicionais do conhecimento humano, e a situa no bojo da polissemia indicada por França Filho (2008). Essa condição a dota de um caráter amplamente inclusivo, quando autoriza a utilidade de uma diversidade de possibilidades de análises sobre o mundo e sobre as pessoas.

Talvez, conceituar gestão social seja muito mais identificar o caminho do que efetivamente um ponto de chegada. E nesse rumo, as edificações humanas podem auxiliar na busca por reposta por quem somos.

Agradecimentos

Agradecimentos são feitos à Pró-reitoria de Cultura Universidade Federal do Cariri (Procult/UFCA) pelo apoio institucional e bolsa de cultura no ano de 2018.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. L. **Ceara Municip Ico.svg**. Imagem SVG. 383 Kb. 829 × 990 pixels. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d5/Ceara_Municip_Ico.svg/502px-Ceara_Municip_Ico.svg.png>. Acesso em: 23 dez. 2020.

ALMEIDA, P. C.; OLIVEIRA, R. C. Lugares de Memória da Resistência em Salvador: Arte, Ruínas e Descaso. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v.8, n.2, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/29286/19327>>. Acesso em: 24 maio 2020.

ARAÚJO, E. T. Gestão social. In: BOULLOSA, R. F. (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 85-90.

BOULLOSA, R. de F. Mirando Ao Revés Nas Políticas Públicas: notas sobre um percurso de pesquisa. **Pensamento & Realidade**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração - FEA, v. 28, n. 3, dez. 2013. ISSN 2237-4418. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/artic/e/view/17572/15028>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

BOULLOSA, R. de F; SCHOMMER, P. C. Gestão social: caso de inovação em políticas públicas ou mais um enigma de Lampedusa? In: RIGO, A. S. et al (orgs.). **Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento: ações, articulações e agenda**. Recife: UNIVASF, 2010. p. 65-92.

CANÇADO, A. C. Gestão social. In: BOULLOSA, R. F. (org.). In: **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 80-84.

FISCHER, T.; MELO, V. P. Organizações e Interorganizações na Gestão do Desenvolvimento Sócio-Territorial. **Revista Organizações & Sociedade**, vol. 11, Edição Especial, 2004. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11816/8850>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

FRANÇA FILHO, G. C. Definindo Gestão Social. In: SILVA JÚNIOR et al (orgs.). **Gestão Social: práticas em debate, teorias em construção**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. 248p.

KUSTNER, R. C. A Gestão do Medo através da Arte. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v.7, n.3, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/26538/17226>>. Acesso em: 24 maio 2020.

MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, [S.l.], v. 45, n. 1, p. 58-71, jan. 2005. ISSN 2178-938X. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/37103>>. Acesso em: 23 maio 2020.

PERES, Janaina Lopes Pereira. **Reinterpretando o fluxo de políticas públicas a partir da experiência: do pragmatismo**

crítico ao Hip Hop da Ceilândia/DF (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional – PPGDSCO, Universidade de Brasília – UnB, 2020, 251f.

SILVA, W. A. O Chão e a Pedra - O que nos diz o Sertão a partir de Baixo? **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v.7 n.2 maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/26192/16620>>. Acesso em: 24 maio 2020.

TELES, R. O Sítio Histórico de Aracati e seu potencial arqueológico como subsídio à arquitetura. In: SOARES; I. M.; SILVA, I. B. M. (orgs.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Fortaleza: Iphan, 2014.

TENÓRIO, F. G. Gestão Social, um conceito não idêntico? Ou a insuficiência inevitável do pensamento. In: CANÇADO, A. C; SILVA JUNIOR, J. T.; TENÓRIO, F. G. (orgs.). **Gestão Social: aspectos teóricos e implicações**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. 456 p.

TENÓRIO, F. G.; ARAÚJO, E. T. Mais uma vez o conceito de gestão social. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 4, p. 891-905, 21 dez. 2020. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/82697/78710>>. Acesso em: 22 dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120200105>

¹O projeto de cultura, intitulado Contos e Crônicas do Sertão: Um Resgate da Memória Icoense, foi aprovado e apoiado pela Pró-reitoria de Cultura Universidade Federal do Cariri. Teve como principal produto a elaboração de um livro, Contos e Crônicas do Sertão – Ressignificados da Memória Icoense, e está disponível no formato digital e gratuito em: <https://ebooks.ufca.edu.br/catalogo/contos-e-chronicas-do-sertao-ressignificados-da-memoria-icoense/>